

AULA 01 — Nação: uma comunidade imaginada

ROTEIRO DE AULA · leitura do professor

UC8 – Narrativas de Identidade e Nação · 2^{os} anos A, B, C, D e E · 90 minutos · Prof. Ulysses Cesar

Item	Detalhe
Duração	90 minutos (2 aulas geminadas)
Material	Handout AULA 01 – Comunidade imaginada (1 por estudante) e versão adaptada para os estudantes com adequação curricular
No quadro	Escrever antes da aula: 200.000.000 · e, ao lado, um espaço em branco
Objetivo	Que o estudante saia sabendo explicar por que a nação é uma construção histórica e quem ficou de fora da construção brasileira
Fecho	Bloco 2 do handout para concluir em casa e trazer na próxima aula

COMO USAR ESTE ROTEIRO

Os textos em corpo grande são para ler em voz alta — pode ler literalmente ou parafrasear.

As caixas coloridas NÃO são para ler: são instruções para você.

Os tempos são referência, não obrigação. Se a turma render, aprofunde; se travar, corte pelo que está marcado como opcional ao final.

00 – 12 min · ABERTURA · O exercício dos números

AÇÃO

Não distribua o handout ainda. Comece com a turma sem papel na mão — a abertura funciona melhor no susto.

Bom dia. Hoje a gente começa uma trilha nova, e eu quero começar de um jeito diferente: com uma conta.

Quero que vocês pensem, em silêncio, por uns trinta segundos, em quantos brasileiros vocês conhecem pessoalmente. Não é quantos vocês já viram na rua. É quantos vocês conhecem: sabem o nome, já conversaram, reconheceriam na rua. Somem a família, os vizinhos, a turma, os amigos, a igreja, o time, o trabalho, o pessoal do prédio.

PAUSE E ESCUTE

Deixe uns trinta segundos de silêncio de verdade. Não preencha o vazio. O silêncio aqui faz parte do exercício.

PERGUNTE À TURMA

Quem chegou a cem pessoas? Quem passou de quinhentas? Alguém passou de mil?

Ótimo. Vamos trabalhar com um número generoso: mil pessoas. Digamos que cada um de vocês conheça mil brasileiros.

ESCREVA NO QUADRO

Escreva o número 200.000.000 e, embaixo, 1.000. Depois faça a divisão diante deles: 0,0005%.

Duzentos milhões de brasileiros. Vocês conhecem mil. Isso dá cinco décimos de milésimo por cento. Arredondando com muita generosidade: vocês não conhecem, e nunca vão conhecer, noventa e nove vírgula nove por cento das pessoas com quem, segundo dizem, vocês dividem um país.

E aqui está o problema que vai nos ocupar o semestre inteiro. Porque, apesar disso, alguma coisa acontece. Quando a seleção entra em campo, vocês torcem. Quando desaba uma encosta numa cidade que vocês nunca visitaram, vocês sentem alguma coisa parecida com luto. Vocês têm sentimentos por milhões de estranhos.

PERGUNTE À TURMA

Por quê? Por que a gente sente que faz parte do mesmo grupo que gente que a gente nunca vai ver?

PAUSE E ESCUTE

Anote no quadro três ou quatro respostas da turma, sem julgar nenhuma. Vão aparecer: sangue, história, língua, cultura, futebol, sofrimento em comum. Guarde essas palavras — você vai voltar a elas.

12 – 22 min · DERRUBANDO AS RESPOSTAS FÁCEIS

Vamos testar as respostas de vocês, uma por uma. Não para dizer que estão erradas — mas para ver se elas se sustentam.

Sangue e origem

Alguém falou em sangue, em origem. Vamos ver. O Brasil é feito de povos indígenas que estavam aqui há milhares de anos, de africanos trazidos à força de dezenas de povos diferentes, de portugueses, italianos, alemães, japoneses, sírios, libaneses, bolivianos, haitianos, venezuelanos. Não existe um sangue brasileiro. Existe uma das misturas mais complexas do planeta.

Língua

Alguém falou em língua. Mas no território brasileiro se falam, hoje, mais de cento e cinquenta línguas indígenas vivas. Além do português, do talian no sul, do pomerano no Espírito Santo, da Libras, que é língua oficial reconhecida por lei.

CURIOSIDADE PARA CONTAR · A LÍNGUA TAMBÉM FOI IMPOSTA

Até meados do século XVIII, a língua mais falada no Brasil colonial não era o português: era a chamada língua geral, de base tupi, usada por colonos, indígenas e missionários. Em 1757 o Marquês de Pombal proibiu seu uso e tornou o português obrigatório. Ou seja: até a nossa língua comum é resultado de uma decisão política, com data e autor.

Religião

Alguém falou em religião. O Brasil tem católicos, evangélicos de dezenas de denominações, praticantes de candomblé e umbanda, espíritas, judeus, muçulmanos, budistas, ateus e agnósticos. Também não fecha.

Então nenhuma das respostas óbvias explica. E, mesmo assim, o sentimento existe e é real. É esse enigma que um pesquisador irlandês chamado Benedict Anderson resolveu enfrentar.

22 – 40 min · O CONCEITO CENTRAL · Comunidade imaginada

AÇÃO

Agora sim: distribua o handout. Entregue a versão adaptada de forma reservada, sem anunciar à turma, conforme combinado com cada estudante.

Em 1983, Benedict Anderson publicou um livro chamado Comunidades Imaginadas. É um dos livros mais citados das ciências humanas no mundo. E a definição dele é curta. Anotem.

ESCREVA NO QUADRO

A nação é uma comunidade política IMAGINADA, e imaginada como intrinsecamente LIMITADA e SOBERANA.

Quatro palavras carregam o argumento inteiro. Vamos abrir uma por uma, porque cada uma vai voltar nas próximas aulas.

Imaginada

E aqui eu preciso da atenção total de vocês, porque é onde todo mundo erra.

Imaginada NÃO quer dizer falsa. Não quer dizer mentira, não quer dizer invenção no sentido de fraude. Quer dizer que ela existe na cabeça das pessoas — porque não teria como existir de outro jeito. Anderson escreve que mesmo os membros da menor das nações jamais conhecerão a maioria de seus compatriotas, mas na mente de cada um vive a imagem de sua comunhão.

E o detalhe decisivo: uma coisa imaginada coletivamente por milhões de pessoas produz efeitos concretos. Produz leis, exércitos, impostos, fronteiras, guerras.

Peguem uma nota de dinheiro. Aquele papel não tem valor nenhum em si. Ele vale porque todo mundo concorda que vale. É uma convenção coletiva. E, mesmo assim, ela compra o lanche na hora do recreio. Ninguém diz que o dinheiro é mentira.

LIGAÇÃO · FILOSOFIA · O CONTRATO SOCIAL

Vale citar aqui: Rousseau, no Contrato Social, de 1762, já dizia que a autoridade política não vem da natureza nem de Deus, mas de um acordo entre as pessoas. Anderson está na mesma linhagem: a nação não é um fato natural, é um acordo. E o que é acordado pode ser reacordado — guarde essa ideia para o fim da aula.

Comunidade

Anderson diz que a nação é sempre imaginada como uma irmandade horizontal, entre iguais. O que é notável, porque nenhuma nação é igualitária. Todas têm ricos e pobres, poderosos e explorados.

E ele faz uma observação que eu acho a mais impressionante do livro. Ele diz que é essa fraternidade imaginada que explica por que tanta gente, nos últimos dois séculos, esteve disposta não tanto a matar, mas sobretudo a morrer por essas invenções.

PERGUNTE À TURMA

Vocês conhecem alguém que morreria por uma empresa? E por uma bandeira?

Limitada

Toda nação tem fronteira. E além da fronteira existem outras nações. Nenhuma se imagina abrangendo a humanidade inteira.

Guardem esta parte, porque é o coração do nosso semestre. Se a nação é limitada, ela tem obrigatoriamente um lado de dentro e um lado de fora. Sempre existe alguém que não pertence. E a pergunta que a gente vai perseguir até dezembro é: quem ficou do lado de fora — inclusive morando do lado de dentro?

Soberana

A nação se imagina livre para governar a si mesma. O conceito nasce junto com o fim da ideia de que o rei governa porque Deus quis.

40 – 55 min · COMO SE FABRICA UMA NAÇÃO

Se a nação é imaginada, alguém precisa fornecer o material para essa imaginação. E Anderson mostra quem forneceu.

O jornal

Pensem no seguinte. Quando uma pessoa lia o jornal de manhã, no século XIX, ela sabia que milhares de outras pessoas estavam fazendo a mesma coisa, ao mesmo tempo, lendo as mesmas notícias. Ela não via ninguém. Mas tinha certeza de que estavam lá.

Isso tem nome: sensação de simultaneidade. A impressão de que uma multidão de desconhecidos está vivendo o mesmo presente que você.

PERGUNTE À TURMA

Onde é que vocês sentem isso hoje?

PAUSE E ESCUTE

Deixe a turma responder. Vão citar final de campeonato, resultado de eleição, vídeo viralizado, tragédia nacional. Aproveite: as redes sociais fazem hoje, em segundos, o que o jornal fazia em um dia.

A escola

E agora eu preciso falar de uma instituição específica, e vocês estão dentro dela neste exato momento.

A escola pública, universal e obrigatória, é uma invenção relativamente recente. E ela não surgiu só por generosidade. Os Estados modernos perceberam que precisavam de populações que

falassem a mesma língua, conhecessem a mesma história e reconhecessem os mesmos símbolos. Sem isso não há exército nacional, não há burocracia que funcione, não há mercado interno.

Reparem no que a escola faz. Ensina uma língua padrão. Ensina uma versão da história em que certas pessoas são heróis. Organiza o ano em torno de datas cívicas. Distribui livros aprovados nacionalmente, para que um estudante de Roraima e um do Rio Grande do Sul leiam os mesmos textos.

Eu quero ser muito claro em uma coisa: isso não é conspiração e não é necessariamente ruim. Uma língua comum permite conversar. Uma história comum permite discutir. O ponto é outro: é reconhecer que a escola também constrói a nação, e que o que ela ensina é resultado de escolhas — feitas por alguém, em algum momento, com algum objetivo.

CURIOSIDADE PARA CONTAR • ESTA TRILHA EXISTE POR CAUSA DE DUAS LEIS

Até 2003, história e cultura africana e afro-brasileira não eram conteúdo obrigatório nas escolas brasileiras. Passaram a ser pela Lei nº 10.639. Em 2008, a Lei nº 11.645 acrescentou a história e cultura indígena. Ou seja: em 2003 e 2008 o Brasil decidiu oficialmente ampliar quem faz parte da história que ele conta sobre si mesmo. Esta trilha que vocês estão fazendo agora existe por causa dessas duas leis.

As tradições inventadas

E tem mais um mecanismo. No mesmo ano de 1983, dois historiadores, Eric Hobsbawm e Terence Ranger, publicaram um livro chamado *A Invenção das Tradições*. A tese é provocadora: muita tradição que a gente acha antiquíssima foi criada recentemente — e criada de propósito.

PERGUNTE À TURMA

Chute aí: de que ano é a bandeira do Brasil que a gente usa hoje?

PAUSE E ESCUTE

Deixe chutarem. Costuma aparecer 1500, 1822, 1889. Só depois revele.

Mil oitocentos e oitenta e nove. Quatro dias depois da Proclamação da República. Foi feita às pressas para substituir a bandeira do Império. E a letra do Hino Nacional só foi oficializada em 1922, no centenário da Independência. A gente canta como coisa antiquíssima um texto que virou oficial há pouco mais de cem anos.

A pergunta importante não é se a tradição é antiga ou recente. A pergunta é: quem escolheu? Toda tradição inventada responde ao interesse de quem estava em posição de decidir o que o país ia celebrar — e o que ia esquecer.

Agora eu quero tornar concreto o que significa ficar de fora. Não é figura de linguagem. É exclusão escrita em lei.

As pessoas escravizadas estavam juridicamente fora: não eram sujeitos de direito, eram propriedade. A escravidão só acabou em 1888, e o Brasil foi o último país das Américas a abolir. E a abolição veio sem terra, sem indenização, sem escola, sem nada.

Os povos indígenas estavam fora de outro jeito: o Estado os tratava como incapazes, sujeitos a tutela. Estavam no símbolo, mas não na terra. A gente vai ver isso em detalhe nas Aulas 2 e 3.

As mulheres, de todas as origens, estavam fora da vida política. Só conquistaram o voto no Brasil em 1932.

E as pessoas analfabetas não podiam votar até 1985. Num país que manteve a maioria da população sem escola por décadas, essa exclusão atingia principalmente negros, indígenas e pobres.

ESCREVA NO QUADRO

Escreva a linha do tempo: 1888 abolição · 1932 voto feminino · 1985 voto do analfabeto · 1988 Constituição

Somem tudo isso. A nação brasileira imaginada no século dezenove era muito menor do que a população brasileira real. Ela cabia, basicamente, nos homens brancos, livres, proprietários e alfabetizados. Todo o resto aparecia como paisagem, como símbolo ou como mão de obra.

LIGAÇÃO · SOCIOLOGIA · A PERGUNTA DE FLORESTAN FERNANDES

Se der abertura, vale mencionar: o sociólogo Florestan Fernandes dedicou a vida a uma pergunta parecida — o que acontece com uma sociedade que liberta pessoas sem lhes dar as condições materiais de exercer essa liberdade? A resposta dele, em *A integração do negro na sociedade de classes*, é que a desigualdade não é resíduo do passado: ela foi reproduzida ativamente depois da abolição. Vamos voltar a isso no quarto bimestre.

PERGUNTE À TURMA

Isso acabou? Alguém consegue lembrar de alguma discussão de hoje sobre quem faz parte ou não faz parte do Brasil?

Vão surgir: cotas, terras indígenas, imigrantes, xenofobia regional, discurso de ódio na internet. Anote no quadro e diga em que aula cada tema vai voltar. Isso dá à turma a sensação de que o semestre tem um plano — e tem.

70 – 85 min · O MÉTODO E A ATIVIDADE

Vou entregar a vocês agora a ferramenta que a gente vai usar o semestre inteiro. É um método de cinco perguntas. Vocês vão usar na atividade de hoje, no seminário do fim do semestre, e — eu garanto — na redação do vestibular.

ESCREVA NO QUADRO

1) Quem está falando? 2) Quem aparece como herói? 3) Quem NÃO aparece? 4) O que a lei fazia naquele momento? 5) A quem serve essa versão da história?

A terceira é a mais importante e a mais esquecida. Se um texto sobre a formação do Brasil não menciona as pessoas escravizadas, essa ausência é uma informação sobre o texto — não sobre a história.

E a quarta é a que mais rende, porque é onde a nossa trilha se diferencia. A gente vai sempre comparar o que o discurso dizia com o que a lei fazia no mesmo momento. É por isso que a Aula 2 é sobre um romance e a Aula 3 é sobre uma lei — as duas do mesmo período.

AÇÃO

Explique a divisão do handout: o Bloco 1 e as questões 1 a 4 são para hoje, em sala; o Bloco 2 e as questões 5 a 7 são para casa, e devem voltar na próxima aula.

Comecem a responder. Podem consultar o texto, podem conversar com o colega do lado. Eu vou passar nas carteiras.

AÇÃO

Circule pela sala. Priorize os estudantes com adequação curricular, mas sem tornar isso visível: passe por todas as fileiras. Para quem estiver travado, use a pergunta-chave: "me dá um exemplo de coisa que existe só porque todo mundo concorda que existe".

85 – 90 min · FECHAMENTO

Antes de acabar, uma última ideia, e é a mais importante do dia.

Se a nação é uma construção, e não um fato da natureza, isso significa uma coisa muito concreta: o que foi construído por pessoas pode ser reconstruído por pessoas. De um jeito mais justo.

O conceito de comunidade imaginada não serve para dizer que o Brasil é mentira. Serve para lembrar que o Brasil é uma obra em andamento, e que vocês estão dentro do canteiro.

Na próxima aula a gente vai ver quem o Brasil escolheu como herói logo depois da Independência. E vai ser uma escolha surpreendente: o indígena. Aí vocês vão me contar o que acham disso, sabendo que, no mesmo período, a lei estava tirando a terra dos indígenas de verdade.

AÇÃO

Lembre da entrega do Bloco 2 na próxima aula. Anote no diário quem recebeu material adaptado e colha assinatura no recibo, de forma reservada.

Se a turma perguntar (respostas prontas)

— Professor, então o Brasil não existe?

Existe, e muito. O que não existe é um Brasil natural, que estaria aí desde sempre esperando ser descoberto. Ele foi construído, com data, com autores e com decisões. Use de novo o exemplo do dinheiro: é convenção coletiva e compra o almoço.

— Isso não é falta de patriotismo?

Ao contrário: entender como o país foi construído é condição para participar da construção. Quem não sabe como uma coisa foi feita não tem como consertá-la. Amar o país e conhecer sua história completa não são coisas opostas.

— Se a bandeira é de 1889, ela vale menos?

Não. O valor de um símbolo não vem da idade dele, vem do que as pessoas fazem com ele. O que muda é que a gente para de tratar o símbolo como natural e passa a perguntar quem o escolheu e por quê.

— Por que a gente está estudando isso em uma trilha e não em História?

Porque aqui a gente cruza literatura, direito e história ao mesmo tempo. Em História você estuda o processo; aqui a gente lê os documentos daquele processo e compara o que se dizia com o que a lei fazia. É outro tipo de exercício.

— Isso cai no PAS ou no ENEM?

Cai, e com frequência. Leitura crítica de símbolos, monumentos e discursos oficiais é matéria recorrente. E comunidade imaginada é um dos repertórios mais versáteis que existem para redação.

Se faltar tempo, corte nesta ordem

1. O trecho sobre nacionalismo cívico e étnico — está no Bloco 2, os estudantes leem em casa.
2. A ligação com Rousseau e o contrato social.
3. A ligação com Florestan Fernandes, que volta no quarto bimestre de qualquer forma.
4. A curiosidade sobre a língua geral e o Marquês de Pombal.
5. Reduza o levantamento de exemplos atuais no bloco "Quem ficou de fora" a dois exemplos.

Se sobrar tempo

- Peça que a turma liste, no quadro, todos os feriados nacionais e investiguem juntos de que ano é cada um. É um exercício rápido de tradição inventada.
- Leia em voz alta a primeira estrofe do Hino Nacional e peça que apontem quantas palavras eles efetivamente entendem. Rende discussão sobre símbolo decorado versus símbolo compreendido.
- Peça exemplos de comunidades imaginadas que não são nações: torcida, fandom, comunidade religiosa, categoria profissional. Ajuda a fixar o conceito por transferência.

Lembretes de inclusão

- Entregue a versão adaptada de forma reservada, sem anúncio à turma — vários estudantes pediram expressamente para não receber material diferente na frente dos colegas.

- Para os estudantes com DI, use sempre o exemplo concreto antes do conceito: o dinheiro antes da definição de Anderson.
- Para os estudantes com TEA, avise no início da aula a sequência do que vai acontecer e escreva essa sequência num canto do quadro; evite ironia e linguagem figurada nas explicações.
- Para os estudantes com TDAH, os blocos de 12 a 18 minutos já ajudam; permita pausa breve na virada dos 55 minutos.
- Aceite resposta oral no lugar da escrita sempre que a dificuldade for de registro, e anote no campo de observações da folha de controle.
- Colha a assinatura do recibo de entrega e registre no Diário conforme a Resolução nº 1/2017 – CEDF.